

estudo sobre Isaías 56-66 é de minha autoria: *A proximidade de Deus na eliminação da opressão e na caridade ao pobre*. O olhar para o profeta Isaías quer ser uma contribuição à discussão sobre o tema da *Caridade*, promovida pelas dioceses de São Paulo neste ano de 2001. De forma bem mais ampla, o tema será aprofundado durante a *Semana Teológica*, que se realizará na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, entre os dias 21 e 25 de Maio.

Afonso Maria Ligorio Soares fecha a *Revista de Cultura Teológica* com uma *Recensão da 2ª edição brasileira de "O dogma que liberta"*, de *Juan Luis Segundo*.

Dr. Matthias Grenzer
Redator

O ANO EUCARÍSTICO

Aloísio Cardeal Lorscheider

1. Para quem estuda a **história da liturgia**, chama a atenção a centralidade do mistério eucarístico.

2. Não há dúvidas sobre a **instituição** da Eucaristia e o sentido profundo para a vida cristã. Tanto nos sinóticos, como em São Paulo, e também em São João, nota-se que, de fato, é este o grande Testamento do Amor, deixado por Jesus a nós, o que significa, a sua Igreja.

3. Esta clareza, porém, escriturística não impediu uma grande evolução e aprofundamento.

4. Primeiramente, é sumamente interessante e rica a análise dos textos eucarísticos da Escritura. Depois ver na Patrística como a celebração da Eucaristia se foi firmando. No séc. 2º é importante o testemunho de São Justino. Aos poucos se foi elaborando o que nós hoje chamamos Santa Missa. No essencial conservou sempre a mesma estrutura, variando um pouco nas suas particularidades: introdução – leituras – apresentação de oferendas – celebração eucarística propriamente dita (consagração e comunhão).

Desenvolveu-se, ao mesmo tempo, o costume de conservar o Santíssimo Sacramento para ser levado aos ausentes e, sobretudo, aos doentes. Criaram-se as formas mais diversas de conservação. Os próprios fiéis tinham a faculdade de conservar a Eucaristia em casa, com a recomendação de um máximo cuidado para que um infiel não tome a Eucaristia, nem que uma coruja ou outro animal faça o mesmo, nem que algo dela caia ou pereça. O costume de comungar em casa tornara-se comum no Oriente e no Ocidente por muito tempo.

E nas igrejas? Houve os meios mais diversos, que, finalmente, terminaram no nosso tabernáculo. É a partir daí que em 1100 começou a se desenvolver o culto ao Ssmo. Sacramento. O que ajudou para isso foi também o fato de que no decurso dos tempos o tabernáculo foi colocado no centro do altar. Influuiu também a navegação da presença real por parte de Berengário

de Tours (1000-1088) e do movimento popular néo-maniqueu dos albigenses. Tudo isso provocou, na Igreja de rito latino, vivas reações por parte dos Bispos, dos Concílios e de uma plêiade de defensores da tradição. Começou-se a precisar melhor e a aprofundar o dogma da Transubstanciação seja na S. Escritura seja nos Padres, chamando a atenção dos fiéis sobre o Mistério eucarístico e aí começam a se fazer sentir os primeiros sintomas da devoção para com o Ss. Sacramento.

5. Um **elemento** que começa nesta época é o rito da **Elevação** na hora da consagração e o da **contemplação** da Hóstia.

Para os fiéis antes do séc.11, importantes na S. Missa eram a oferta do pão e do vinho e uma ativa participação na Comunhão não sendo a **Consagração** considerada o ponto culminante da Missa. Mas, quando no séc. 11 a comunhão começou a ser mais rara e o uso das ofertas foi caindo, por influência da heresia de Berengário de Tours (+1088), a doutrina católica sobre a transubstanciação foi formulada mais claramente, e o povo adquiriu maior consciência da importância da Consagração e começou a expressar entusiasticamente a fé na **Elevação da Hóstia** consagrada. E no começo até o celebrante levantava a hóstia por cima da cabeça, e conservando-a assim no alto com a mão esquerda, fazia sobre ela com a mão direita o sinal da cruz ao dizer "abençoo" (benedixit); e, às vezes, com Hóstia assim elevada, proferia as palavras da consagração. Dentro do simbolismo medieval se queria representar com esse gesto a exaltação de Jesus na cruz. Mas, como sempre acontece, os fiéis, vendo o sacerdote elevar assim a hóstia, já a adoravam enquanto era ainda simples pão. Daí prescrições para que o celebrante só elevasse a Hóstia depois de consagrada e assim também o cálice. Este novo rito espalhou-se rapidamente, tanto nos ambientes monásticos quanto nos ambientes seculares.

O desejo de ver a Hóstia foi uma das devoções mais características e comovedoras dos séculos 13-15. Os fiéis esperavam com ansia o momento da elevação para contemplar o Corpo do Senhor. Tocavam-se os sinos e todos, perto ou longe, ajoelhavam-se. Os que estivessem mais perto, se possível, deixavam suas ocupações e corriam à igreja para fixar a Hóstia Santa. E ali,

não poucas vezes se empurravam para estarem mais perto do altar a fim de vê-la melhor, e por vezes, pediam ao celebrante para mantê-la elevada mais tempo. E o celebrante, querendo satisfazer o desejo dos que rodeavam o altar, não se contentava de elevar a Hóstia, mas se voltava com ela à direita e à esquerda, a fim de que todos pudessem sentir-se satisfeitos. Para isso, introduziu-se o costume de acender uma vela particular no **Sanctus**, que um ministro levanta bem alto para que mais luz facilitasse a visão da Hóstia. Os bispos por sua vez, secundavam o piedoso entusiasmo dos fiéis, compondo orações para se recitar neste momento e concedendo indulgências.

Isto, é claro, trouxe também exageros. Entre outros, por exemplo, para muitos a Missa consistia em ver a Hóstia consagrada, o resto já não contava mais nada; tendo visto a Hóstia, a turma se retirava. Até se chegou a comparar esta piedosa contemplação a uma comunhão espiritual, e até alguns falavam de **comunhão ocular**. Como sempre, aos poucos, este entusiasmo se rarefez e quase se acabou. São Pio X o reacendeu concedendo uma indulgência especial aos que "**fide, pietate, et amore SS. Hostiam adspexerint**" (Acta Ap Sedis 1907, 441).

A **elevação do cálice** foi pouco mais lenta na sua evolução. A primeira notícia segura que se tem é do séc. 13. Ela só se tornou obrigatória com São Pio V (1570).

A **incensação** das Espécies Eucarísticas, durante a sua elevação, foi acrescentada em Roma pela metade do séc.14. A **genuflexão**, ao invés, é recente; foi imposta pelo Missal de São Pio V. No princípio celebrante e ministros inclinavam-se profundamente.

No fundo há uma perspectiva menos exata, enquanto Jesus não desce sobre o altar tanto para ser adorado, **quanto para adorar**, conosco e por nós a divina Majestade do Pai.

A partir, porém, da elevação da Hóstia e da sua adoração, criaram-se muitas belas invocações. Só recordar as que ainda estão em uso: **Alma de Cristo** (composta no princípio do séc. 14. Falsamente atribuída a Santo Inácio); o **Adoro-Te** (com muita probabilidade de Santo Tomás de Aquino); o **Ave Verum** (ignora-se o autor, mas encontra-se em quase todos os livros de piedade medievais).

6. A EXPOSIÇÃO DO SANTÍSSIMO

É uma evolução natural desse grande desejo de contemplar a Hóstia. A elevação durava poucos instantes. Por que não expô-la por mais tempo durante ou fora da S. Missa, para satisfazer melhor o desejo dos fiéis?

A idéia entrou gradualmente, e se desenvolveu, ao que parece da procissão do **Corpo de Cristo**. A procissão entra na igreja, o SS. Sacramento não é logo repostado no tabernáculo, mas deixado no ostensório sobre o Altar mor ou um altar lateral, enquanto seguia a celebração da Missa.

Já em 1336 encontra-se a memória desse fato (em Minden, na Alemanha Oriental), e não só durante a Missa, mas também, durante a recitação do Offício Divino (Liturgia das Horas) daquele dia e do dia seguinte. No início restrito à festa do **Corpo de Deus**, bem cedo foi se estendendo a outros dias do ano.

7. AS PROCISSÕES EUCARÍSTICAS

Elas tiveram o seu desabrochar no clima quente e festivo da festa do **Corpo de Deus**, instituída por Urbano IV, em 1264. Tudo parte sempre do desejo de contemplar a Hóstia consagrada.

Em 1372 o Bispo de Brandenburgo permite a procissão eucarística em seis festas principais do ano: Páscoa, Pentecostes, Todos os Santos, Natal, Dedicção da Igreja e **Corpo de Deus**, autorizando a exposição eucarística antes e depois da procissão.

Um fato curioso neste campo da procissão eucarística é o que acontece nas viagens do Papa a partir da Baixa Idade Média. A procissão eucarística começou a fazer parte do cerimonial das viagens do Papa. Quando o Papa se punha em viagem acompanhado das personagens de sua corte, montando um bonito cavalo branco, devia, regularmente, ser precedido de outro cavalo branco levando o Ss. Sacramento sob um pequeno pavilhão. A eucaristia fazia parte obrigatória do cortejo das viagens papais. Se não o fizesse, significava certo descaso e desdouro. No começo o SS. ia em uma pixide, já mais tarde ia mesmo num ostensório convenientemente adaptado no dorso do cavalo.

Este costume começou na primeira metade do séc. 14 e durou até 1729, sendo Bento XIII o último Papa que fez uso desse costume.

8. A BENÇÃO COM O SS. SACRAMENTO

Este rito derivou das procissões eucarísticas da festa do **Corpo de Deus**. Na época já era costume após procissão com santas relíquias, dar a bênção com as relíquias. Com o Ssmo. Sacramento aconteceu o mesmo. Portanto, data dos meados do séc. 13.

9. OS CONGRESSOS EUCARÍSTICOS

São reuniões do clero e do povo cristão com a finalidade de glorificar publicamente o Ssmo. Sacramento, lembrar aos fiéis os seus deveres eucarísticos e cooperar eficazmente para a difusão do Reino de Cristo.

A idéia de promover Congressos Eucarísticos se deve a uma francesa de nome **Maria Marta Emilia Tamisier**, que nasceu em Tours, França, no dia 1º de Novembro de 1844 e morreu santamente no dia 20 de Janeiro de 1910. Ela tinha sido formada na escola do B. Pedro Julião Eymard e fez o propósito de esforçar-se por promover com todas as forças a salvação da sociedade por meio da Eucaristia. A exemplo das peregrinações aos Santuários Marianos, ela achou que se deveriam organizar peregrinações aos Santuários recordando os milagres do Ssmo. Sacramento. Sacerdotes e Leigos secundaram a idéia. O movimento cresceu e, em 1881, em Lille na França, celebrou-se o 1º **Congresso Eucarístico Internacional**. Foram, normalmente, daí para frente celebrados ou de ano em ano, ou cada dois anos, havendo só duas grandes interrupções: uma de 1914 a 1922 (1ª Guerra Mundial: 1914 a 1918), e a outra de 1938 a 1952 (2ª Guerra Mundial: de 1939 a 1945). Ao todo foram até agora celebrados 46 Congressos Internacionais Eucarísticos, sendo o último, em Roma, no ano passado. Tivemos um também no Rio de Janeiro, em 1955.

Além dos Congressos Eucarísticos Internacionais, tivemos aqui no Brasil 13 **Congressos Nacionais**, sendo o 14º logo mais em Campinas, no mês de Julho.

O 1º realizou-se em Salvador da Bahia em 1933, e o 13º foi em Vitória do Espírito Santo, em 1996. No começo celebravam-se de três em três anos; a partir de 1970, Congresso em Brasília, de cinco em cinco anos. Houve apenas uma pequena interrupção de 10 anos, de 1960-1970, devido ao Vaticano II.

Uma pergunta que se pode fazer: será que convém ainda hoje, com tantas celebrações diversas por toda a parte, conservar o costume dos Congressos? Há ainda interesse? Ou será que não se deva encontrar outra fórmula?

10. VISITA AO SSMO. SACRAMENTO

É outra forma de devoção eucarística muito recomendada pelos Papas, sobretudo quando se dirigem aos padres e religiosos. A visita ao Ssmo. é uma forma de afervorar sempre mais a devoção à Eucaristia.

11. O ANO EUCARÍSTICO

A idéia de um Ano Eucarístico apareceu pela primeira vez numa reunião da Comissão Central da CNBB, aos 8 de fevereiro de 1971, em Belo Horizonte. Discutindo-se, na ocasião, sobre a realização do próximo Congresso Eucarístico, porque aos 27 a 31 de Maio de 1970 se tinha realizado o 8º Congresso Eucarístico em Brasília, surgiram, além de elogios, também algumas reticências. Nesta oportunidade Dom João José de Mota Albuquerque, Arcebispo de Vitória-ES, disse que os Congressos Eucarísticos poderiam surtir o efeito desejado se fossem o coroamento de um ano eucarístico, preparado a partir das bases, à semelhança do que vem ocorrendo com a Campanha da Fraternidade (cf. Comunicado Mensal da CNBB nn. 221-222 (fev-março 1971), 28-29).

Na reunião da Presidência e Comissão Episcopal de Pastoral (CEP), no mês de junho de 1974, decidiu-se que "em novembro de 1974, durante a Assembléia Geral da CNBB, na festa de Cristo Rei, fosse oficialmente proclamado e aberto o Ano Eucarístico", e, tendo em vista a Campanha da Fraternidade de 1975 com o slogan "Repartir o Pão", tendo esta repartição a sua culminância na repartição do Pão Eucarístico (cf. Comunicado Mensal n. 261 (junho 1974)427).

Na Comissão Representativa de novembro de 1975 foi aprovado que o Congresso Eucarístico seja precedido por um Ano Eucarístico, tendo por tema o da Campanha da Fraternidade do respectivo ano [Comunicado Mensal 278 (nov. 1975)1110]. Isto já foi após o 9º Congresso Eucarístico Nacional celebrado em Manaus-AM, de 16 a 21 de julho de 1975.

A Comissão Representativa da CNBB em sua reunião do mês de outubro de 1979 recomendou a abertura do Ano Eucarístico Nacional para todo o Brasil no dia 2 de dezembro de 1979, Dia do Migrante [Comunicado Mensal 326 (nov 1979) 1110]. Isto foi devido ao fato que o Congresso Eucarístico Nacional próximo, o 10º, se realizaria de 9 a 13 de julho de 1980 em Fortaleza-CE, com o lema: "Para onde vais?". Está aí claramente o tema: Eucaristia e Migrações.

Para os Congressos Eucarísticos Nacionais subsequentes sempre se enfatizou um Ano Eucarístico, começando com o 1º Domingo do Advento. O fato, porém, é que pouco resultado teve sobre os Congressos. Não aumentou nem interesse nem o entusiasmo pelo respectivo Congresso Eucarístico Nacional.

Cabem aqui, neste final, algumas observações críticas, que, de alguma forma já foram feitas em 1971, e que eu pessoalmente repeti em 1981 ao expor à Assembléia Geral da CNBB um relatório sobre o 10º Congresso Eucarístico Nacional, realizado em Fortaleza-CE.

- O Congresso é **nacional**, é fixado em Assembléia **Conjunta** do Episcopado Brasileiro. Será que ele é sentido **nacionalmente**? Será que se pode afirmar ter todo o nosso Episcopado assumido a nacionalidade do Congresso? Só para recordar o de Fortaleza: no início de junho – um mês, portanto, antes do Congresso, estavam inscritos 108 Bispos. Este número elevou-se a 192 depois que a Presidência da CNBB notificou aos Bispos o desejo do santo Padre de ter um encontro especial com o Episcopado Brasileiro em Fortaleza. Ora, apenas o Papa partiu para Manaus, e permaneceram para o Congresso 98 Bispos. Todos os demais se foram. Belo apoio e belo entusiasmo pelo Congresso Nacional!

- O clero, em geral, mostra pouco entusiasmo pelo Congresso. Alguns até contestam por verem no Congresso necessariamente um acontecimento

triumfalista, sujeito a distorções e comprometimentos, e com despesas elevadas. E o povo? Encontra-se na mesma situação. Os próprios Meios de Comunicação Social não manifestam interesse.

- A infra-estrutura do Congresso não é fácil. Até agora houve sempre dependência dos Governos Estaduais. Tal dependência gerou sempre críticas. Por isso, a pergunta que se pode fazer é esta: terá a Igreja do Brasil a possibilidade de financiar por si mesma uma infra-estrutura digna e necessária para um Congresso Eucarístico Nacional de âmbito nacional? Estará a Igreja no Brasil disposta a arcar com os altos custos de um Congresso?

- Há hoje muitos encontros de massa. Anos atrás os Congressos eram quase os únicos encontros de massa. Além do mais, ficar reunidos três a quatro dias?

- O Congresso deveria deixar um gesto concreto. O que, de fato, deixa atrás de si?

- E, finalmente, o Congresso deve ter mais um caráter de reflexões teológicas sobre a Eucaristia; será mais um Congresso teológico ou será um Congresso mais de índole pastoral? Como, neste caso, deveria ser o Congresso? Os dois Congressos de índole pastoral até agora foram só o de Manaus e o de Fortaleza, que continuou na esteira do de Manaus. Já o 11º de Aparecida - SP, em julho de 1985 quebrou este ritmo pastoral. O que, afinal, queremos **hoje** com os Congressos Eucarísticos Nacionais? Vale a pena continuar com eles?, eis a pergunta final.

D. Aloísio Cardeal Lorscheider
é Arcebispo de Aparecida do Norte -SP

O "CURSO ESPECIAL DE ECUMENISMO"¹

Dr. Francisco Catão

O *Directorio para aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo*, de 1993, prevê um "curso especial de ecumenismo" no contexto alargado de sua 3ª parte, consagrada à "formação para o ecumenismo, na Igreja Católica". Cinco anos mais tarde, em 1998, o Pontifício Conselho para a promoção da unidade dos cristãos publicou importante documento sobre "a dimensão ecumênica dos que trabalham no ministério pastoral", cuja 2ª parte é inteiramente consagrada ao "ensino especificamente ecumênico"². Poucas disciplinas teológicas jamais receberam da Santa Sé indicações tão amplas quanto precisas sobre seus fundamentos, conteúdos e desenvolvimento, no âmbito da formação teológica. No entanto, como o vêm demonstrando os preciosos encontros anuais dos professores e animadores do ecumenismo, promovidos pelo setor específico da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, observa-se ainda, em todas as regiões do país, uma grande dificuldade não só em conceber esse curso, considerado obrigatório para as Faculdades e Institutos de Teologia, como na forma de administrá-lo, seus objetivos, estratégias pedagógicas a serem adotadas e, até mesmo, seu conteúdo.

Essa dificuldade de "recepção" não nos parece gratuita. Por que os nossos cursos de teologia têm tanta dificuldade em integrar o "curso especial de ecumenismo"? A resposta a essa questão, passo indispensável para se

¹ A presente proposta pedagógica é o desenvolvimento da intervenção do autor na discussão sobre "pistas de ensino", ocorrida no dia 2 de Fevereiro, no fechamento do 4º encontro de professores e animadores do ecumenismo, promovido pela CNBB em Brasília.

² Referimo-nos aqui aos dois documentos fundamentais do Pontifício Conselho para a promoção da unidade dos Cristãos, o *Directorio para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo*. São Paulo: Paulinas, 1994 (col. A voz do Papa, 132) e *A dimensão ecumênica na formação dos que trabalham no ministério pastoral*. São Paulo: Paulinas, 1998 (col. A voz do Papa, 156). Daqui por diante referir-nos-emos a esses dois documentos respectivamente como *Directorio* e *Dimensão ecumênica*.